

## REFLEXÕES SOBRE A AKRASIA: QUANDO SE ESCOLHE O MAU MESMO SABENDO O QUE É O BOM

FABRICIO BOSCOLO DEL VECCHIO<sup>1</sup>;  
JOÃO FRANCISCO NASCIMENTO HOBUSS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Pelotas – [fabricioboscolo@gmail.com](mailto:fabricioboscolo@gmail.com)

<sup>2</sup> Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Pelotas – [joao.hobuss@ufpel.edu.br](mailto:joao.hobuss@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Em Aristóteles, reconhece-se que virtudes são disposições, e podem ser organizadas em virtudes morais ou virtudes intelectuais. Dentre as disposições morais, três devem ser evitadas: o vício, a incontinência e a bruteza. De modo amplo, reconhece-se que a segunda delas é amplamente conhecida como akrasia (em grego, *a* = negação e *kratein* = controlar ou dominar, *ἀκρασία*), ou seja, falta de autocontrole ou o ato de agir contra o bom senso, explicitado a partir de um traço de caráter que exhibe comportamento intencional e não compelido que vai contra o melhor ou melhor julgamento do agente (MELE, 2010).

Nesse contexto, tal questão versa sobre a incompatibilidade entre o querer e o fazer, e pode estar associada a diferentes questões, como escolha, deliberação, conhecimento e sabedoria prática sobre determinado assunto. Desse modo, o objetivo do presente texto é refletir como Aristóteles explica a akrasia e, a partir da literatura, contextualizar o que motiva este tipo de comportamento.

### 2. MÉTODO

Esta pesquisa filosófica tem como foco o objeto, a Akrasia, e faz uso do método descritivo. Para tanto, conduziu-se investigação a partir do livro VII da obra *Ethica Nichomachea* (EN) de Aristóteles e consulta a referências teóricas de suporte.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

ARISTÓTELES começa o Livro VII discutindo a diferença entre a continência e a incontinência, sendo que a primeira (*enkrasia*) é a capacidade de resistir às tentações e desejos imediatos contrários à razão, e se recusa a segui-los em virtude do princípio racional (EN, VII-1, 1145b14). Em contrapartida, a incontinência (*akrasia*) é a incapacidade de resistir a essas tentações e desejos, sendo a situação em que uma pessoa sabe o que é certo, mas não age de acordo com sua própria razão e sabedoria. Para ARISTÓTELES, a akrasia se manifesta a partir de duas grandes características, a impetuosidade e a fraqueza (EN, VII-3, 1147b5). A primeira ocorre quando uma pessoa age impulsivamente, sem considerar adequadamente as consequências de suas ações. Nesse caso, a pessoa pode ter uma crença correta, mas age de maneira contrária a essa crença devido a uma falta de autocontrole, constituindo-se como uma falha na capacidade de agir de acordo com as crenças e desejos. Já a fraqueza merece melhor atenção, e ocorre quando uma pessoa sabe qual ação é a correta a ser tomada, mas não consegue agir de acordo com essa escolha. Talvez, isso aconteça porque a pessoa não possui a força de vontade ou a determinação necessárias para seguir sua decisão - em outras palavras, a pessoa tem uma crença correta, mas é incapaz de agir de

acordo com essa crença (KALIS et al., 2008). No entanto, essa visão não é única, sendo que “a akrasia não tem por causa uma falta ou fraqueza da vontade, mas uma falta [*mesmo que momentânea*] de conhecimento” (DESTREE, 2004, p.135).

Com efeito, ARISTÓTELES aponta que “às vezes se diz que o homem dotado de sabedoria prática não pode ser incontinente e, outras vezes, que alguns homens desse tipo [*dotados de sabedoria prática*], e hábeis demais, são incontinentes” (EN, VII-1, 1145b19). Ou seja, ele se contrapõe ao posicionamento de Sócrates, o qual era inteiramente contrário à tal opinião. Isso se dá pois, para Sócrates, não haveria a possibilidade de haver o comportamento denominado incontinente (akrasia) se a pessoa detém a sabedoria prática. Para Sócrates, ninguém, depois de julgar, agiria contrariando o que julgou melhor, sendo que os homens que assim o fazem, procedem por efeito da ignorância (EN, VII-2, 1145b25). Em uma perspectiva platônica, apresentada também por ARISTÓTELES (EN, VII-2, 1145b34), a pessoa akrática não têm *episteme*, um conhecimento verdadeiro, um saber pleno de certeza que estaria ligado diretamente com a realidade da Ideia, mas, sim, apenas *doxa*, que é compreendida como juízo subjetivo que apenas tem valor momentâneo, e que não poderá ser referência ética, pois tem presente a possibilidade da falsidade das crenças que suportam a ação (FRANKLIN, 2004).

Em oposição, ARISTÓTELES irá indicar que “é contra a reta opinião e **não contra o conhecimento** que agimos de modo incontinente (...)” (EN, VII-3, 1146b24), e que a pessoa tem apenas o que é considerado como “conhecimento perceptual” (EN, VII-3, 1147b16), o qual não se assemelha ao “conhecimento racional” e, portanto, pode ser enganoso e não corresponder à realidade. Ainda, o filósofo destaca

“(...) que um homem age de maneira incontinente sob a influência (em certo sentido) de uma razão e de uma opinião que não é contrária em si mesma, porém apenas acidentalmente, à reta razão (pois que o apetite lhe é contrário, mas não o é a opinião)” (EN, VII-3, 1147b).

Mas por que o homem incontinente (“perde”) e “recupera” o conhecimento? ARISTÓTELES diria que que tal explicação deve ser pedida aos estudiosos das ciências naturais. Uma pessoa não é, necessariamente, incontinente “em tudo”, ou seja, no absoluto. Com efeito, a akrasia pode se dar no particular e, então, dir-se-á que a pessoa é “incontinente no que se refere a...”. Adicionalmente, Aristóteles sugere que durante o ato akrático o homem tem, de fato, um defeito de conhecimento – como se fosse um lapso de memória – que é causada pela irrupção de um desejo irracional irresistível, causado por uma falta de formação do caráter (DESTREE, 2004). Em L-5 1148b15, ARISTÓTELES aponta que (i) algumas coisas são agradáveis por natureza, tanto em sentido absoluto, quanto em uma perspectiva relacionada a determinadas classes de animais ou de homens, e outras (ii) não são agradáveis por natureza, tornando-se por causa de (1) distúrbios no organismo, (2) devido a hábitos adquiridos ou (3) em razão de uma natureza congenitamente má.

Para ARISTÓTELES, age com prazer quem comete desregramentos, por exemplo a akrasia derivada dos diferentes apetites (EN, VII-6, 1149b20), e tal incontinência, além de ser mais vergonhosa, deveria sofrer maior censura quando comparada a outras incontinências, como a cólera. ARISTÓTELES identifica o akrático como uma espécie de homem que é arrastado pela paixão contrariando a regra justa – um homem a quem a paixão domina por tal forma que é incapaz de agir de acordo com a reta razão, mas não ao ponto de fazê-lo acreditar que deva

buscar tais prazeres sem reservas (EN, VII-8, 1151a20). O filósofo ainda pontua que esse tipo de pessoa não é mau no sentido absoluto, pois nela se conserva o que tem de melhor, o primeiro princípio.

Mas a questão central de tal contexto é: Por que sabendo o que é o bem, a pessoa decide fazer o mal?

No esforço de tentar compreender a gênese da akrasia, Amélie Rorty pontua a relevância (1) do autoengano e (2) da auto decepção. Acerca de (1), a autora argumenta que o autoengano pode ser entendido como uma forma de akrasia, ou seja, uma falha na capacidade de agir de acordo com a sabedoria prática e com a justa medida. Rorty ainda argumenta que ele pode ser visto como um mecanismo de defesa que permite às pessoas lidar com emoções e crenças conflitantes, embora possa ter consequências negativas para a vida mental e emocional de uma pessoa em longo prazo. Com respeito a (2), a autora define a auto decepção como um tipo específico de autoengano, em que a pessoa sabe que está enganando a si mesma, mas ainda assim persiste nessa ilusão. Rorty argumenta que a auto decepção é uma forma mais intensa de conflito interno, em que a pessoa não apenas tem crenças conflitantes, mas também está ciente da inconsistência entre essas crenças (RORTY, 1980). Com efeito, a auto decepção pode ser vista como um mecanismo de defesa que permite às pessoas lidar com emoções e crenças que são difíceis de aceitar. No entanto, pode ter consequências negativas a longo prazo para a vida mental e emocional, pois pode dificultar a resolução de conflitos internos e levar a ações irracionais. Como desdobramentos da relação entre a presença da sabedoria prática e a fraqueza de realizar a escolha correta tem emergido diversas abordagens neurocientíficas e psiquiátricas, discutindo-se estudos sobre a tomada de decisões e o papel do córtex pré-frontal na regulação da impulsividade e autocontrole, bem como examinando as condições psiquiátricas que afetam a capacidade de tomar decisões, como a esquizofrenia e o transtorno obsessivo-compulsivo (KALIS et al., 2008).

#### 4. CONCLUSÕES

DESTREE (2004) sugere que a resposta a esta questão está no último capítulo do livro VII, e se trata de uma dupla resposta. Para ARISTÓTELES, “o homem akrático não persiste na regra porque gosta de mais dos prazeres do corpo” (EN, VII-9, 1151b25-26), enquanto o homem enkrático persiste porque gosta deles de modo comedido. Para dar conta de tal explicação, o autor faz uso de dois termos, i) *phantasia bouleutikê* e ii) *phantasia aisthêtikê*, sendo que o termo *phantasia* versa sobre imaginação. A primeira, *phantasia bouleutikê* se refere à imaginação racional ou deliberativa, ou seja, aquela que é utilizada para planejar ações futuras. Provavelmente, seja este tipo de imaginação que a pessoa enkrática utilize com maior frequência. Em contrapartida, a *phantasia aisthêtikê* diz respeito à imaginação sensorial ou perceptiva, ou seja, aquela que é utilizada para criar imagens mentais a partir de estímulos sensoriais e, segundo DESTREE (2004), a mesma se faz mais presente no akrático. Desse modo, a *phantasia bouleutikê* é utilizada para imaginar situações futuras e tomar decisões (exercitando a prudência) com base nessas imagens, enquanto a *phantasia aisthêtikê* é utilizada para criar imagens mentais a partir de estímulos sensoriais (que têm mais chance de estarem associados aos desejos e impulsos).

Com vistas à superação da akrasia, de modo amplo, Aristóteles sugere a prática da justa medida, com o hábito das melhores escolhas em busca da

prudência – até que a mesma seja incorporada ao caráter da pessoa, e sua chance de apresentar comportamentos acráticos possa ser reduzida (RORTY, 1997).

## 5. REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: CIVITA, V. (Ed.). **Os Pensadores**. 1ª ed. São Paulo: Editora Globo, 1973.
- DESTREE, P. Akrasia entre Aristóteles e Sócrates. *Analytica-Revista de Filosofia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 135-164. 2004.
- FRANKLIN, K. Os conceitos de Doxa e Episteme como determinação ética em Platão. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 23, s/v, p. 374-375, 2004.
- KALIS, A.; MOJZISCH, A.; SCHWEIZER, T. S.; KAISER, S. Weakness of will, akrasia, and the neuropsychiatry of decision making: An interdisciplinary perspective. **Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience**, Austin, v. 8, n. 4, p. 402-417, 2008.
- MELE, A. Weakness of will and akrasia. **Philosophical studies**, Austin, v. 150, n. 3, p. 391-404, 2010.
- RORTY, A. O. Self-deception. akrasia and irrationality. **Social science information**, Paris, v. 19, n. 6, p. 905-922, 1980.
- RORTY, A. O. The social and political sources of akrasia. **Ethics**, Austin, v. 107, n. 4, p. 644-57, 1997.